

**UMA DEFESA DOS GÊNEROS DO INSÓLITO
NA BUSCA PELA FRUIÇÃO:
A LITERATURA QUE AINDA PODE ENCANTAR
E FORMAR NOSSOS LEITORES PARA A FRUIÇÃO**

Leonardo Telles Meimes (PUC-PR)
leonardomeimes@hotmail.com

1. Introdução

Há muitos anos, a escola têm se tornado o local quase exclusivo da formação de leitores, isso porque a leitura fora do contexto escolar, pela influência da indústria cultural literária, tem sido superficial e pouco fruída. É evidente que a leitura nas fases iniciais, infância e adolescência deve privilegiar abordagens lúdicas e prazerosas, no entanto o professor é colocado frequentemente na posição de avaliar de alguma maneira a leitura dos alunos, ou de inserir a literatura como matéria-prima para outros estudos linguísticos ou textuais que acabam por desfocar a leitura do seu intuito lúdico.

A infância é o momento do desenvolvimento da criatividade e da cognição, a leitura está intimamente ligada a isso, portanto é necessário que a abordagem da leitura na escola busque a fruição. Veremos o termo fruição, aqui, conforme definido por Barthes: como aquela atividade de leitura que não perde um ponto do que está sendo lido, considera cada palavra, lê cada frase, consegue retirar seus significados e ao final tem uma compreensão da obra acompanhada por uma experiência de leitura daquele texto que não pode ser descrita. Segundo ele, “o prazer é dizível, a fruição não é” (BARTHES, 1987, p. 31).

Sabe-se que livros com temáticas fantásticas ou maravilhosas são a preferência dos alunos da educação infantil e, sendo assim, uma abordagem da leitura em sala de aula que privilegie a leitura fruída pode aproveitar muito as qualidades desses gêneros. O objetivo geral desse artigo é mostrar empiricamente e teoricamente as vantagens dessa literatura do insólito como material para uma educação para a leitura fruída.

2. Insólito ficcional

O insólito está relacionado àquelas ocorrências ficcionais que rompem com o que a realidade consideraria como possível e adentram

uma lógica interna apenas à literatura, se aproximando do onírico (SANTOS, 2008), pois, conforme Jouve comenta, “Tudo acontece como se o texto criasse seu próprio sistema de referência” (2002, p. 23). Essa já é uma prerrogativa para qualquer leitura e quando o insólito está presente se torna a abordagem preferencial, pois no insólito, Santos comenta que:

Algun elemento ou relação apresenta-se desviado da norma de referência corrente da estética ou da realidade empírica e é interpretado como normal, o que gera uma tensão entre desvio e interpretação e permite questionar pressupostos tacitamente admitidos como invariáveis (2008, p. 4).

Esses eventos são desafiadores à realidade e acabam por absorver muito facilmente sentidos figurativos relativos à época da recepção do texto, por isso o interesse do leitor é sempre renovado e as histórias permanecem significativas com o passar do tempo. Como exemplo, *O Pequeno Príncipe* de Saint Exupéry e a *Metamorfose* de Kafka, ambas as histórias contêm eventos insólitos e acabaram perdurando na literatura infantil e adulta, respectivamente.

No entanto, na literatura infantil, os gêneros do insólito são a preferência dos leitores e a própria lógica do mercado já aprendeu a explorar o mágico, o fantástico e o maravilhoso (Cf. Harry Potter, Crepúsculo etc.).

Os gêneros mais comuns que contêm o insólito são o maravilhoso e o fantástico, sendo o primeiro muito frequentemente na idade média, quando o mundo sobrenatural não era visto como um mundo à parte do humano. Esse primeiro gênero caracterizava-se pela presença de bruxas, magos, fadas e outros seres do insólito que não necessariamente desviavam da realidade dos leitores, que consideravam a existência desses seres um fato. O mundo não era ainda dividido pela ciência entre realidades factuais/científicas e fantasia, então, como explanado a seguir por Garcia, Santos e Batista:

Ao ordenar o sólido e o insólito, ou seja, o natural e o sobrenatural, num universo não distintivo, o Maravilhoso amalgamou ordens diversas numa construção em que o diferente tornava-se igual pela não aceitação de um mundo desvinculado do defício, formando assim uma realidade homogênea, cosmogônica (2006, p. 3).

Essa realidade homogênea foi posta em xeque pela cientificidade dos anos seguintes, que trouxeram à tona conhecimentos e entendimentos da realidade que excluía qualquer elemento fantasioso. O fantástico entrava, agora, em cena, tendo um leitor que sabia o que de fato poderia acontecer na realidade empírica e o que era parte da fantasia literária. Esses elementos se tornaram parte da literatura infantil, particularmente, pe-

la atração inevitável que exerciam ao leitor que buscava algo mais do que a realidade já o oferecia. Segundo Todorov:

o Fantástico ocorre na incerteza entre o racional ilógico e o irracional lógico, diante da impossibilidade de escolher ou aceitar uma ou outra explicação em uma época em que o sobrenatural, o extraordinário, o insólito era posto à prova pelo poder crescente do racionalismo cientificista (1982 *apud* GARCIA, SANTOS e BATISTA, 2006, p. 7).

Esse movimento coloca o insólito como uma característica desviante em relação à realidade, uma “ruptura de normas ordinárias de conduta que opera no âmbito específico da faculdade intelectual e assume uma relação antinômica com o acadêmico” (SANTOS, 2008, p. 4). Até mesmo a relação do texto com seu gênero literário acaba se tornando diferente em face ao insólito presente na obra, sendo um bom exemplo o realismo fantástico, tão bem exemplificado pelas obras de Lygia Fagundes Telles e Gabriel Garcia Marques. Na união do realismo com o fantástico essa literatura acaba: “configurando uma nova realidade, uma nova maneira de ver o real, como que *ver através* de um filtro, de uma lente, que desnuda outras possibilidades além de uma primeira ou única” (GARCIA, SANTOS e BATISTA, 2006, p. 10).

Também se torna uma ruptura, porém uma ruptura que busca na realidade empírica os elementos que devem ser remoldados de forma insólita, mudando a própria racionalização e visão da realidade. Conforme Barthes, em um mundo caracterizado pela repetição e cópia de temáticas e de tramas, essas rupturas transformam o texto em um texto de fruição:

aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (BARTHES, 1987, p. 22).

O sujeito se encanta pela obra, não pelo conteúdo afirmativo de seu *horizonte de expectativas* (conforme JAUSS, 1967) – no que o sujeito “frui da consistência de seu ego (é seu prazer)” –, mas sim pela ruptura com esse horizonte – “sua perda (é a sua fruição)” (BARTHES, 1987, p. 22).

Os textos fantásticos ainda têm outras vantagens que facilitam a fruição, pois, como comentado por Jouve, “A dimensão lúdica do texto deve muito à leitura inocente” (2002, p. 29). O que ele chama de inocente é aquele primeiro contato com o livro, em que o leitor lê sem saber muitas informações sobre a obra. Essa é a leitura que, muitas vezes, as crianças fazem, ou por não terem acesso à leitura previamente ou por não lembrarem facilmente da completude da história.

Após esse primeiro contato, mesmo que seja com histórias que o leitor já tem conhecimento prévio ao ler, como Chapeuzinho Vermelho, há ainda o segundo contato necessário: a releitura. Os contos fantásticos, por não serem muito extensos facilitam a releitura: “leitura “experiente” (quando o leitor, ou melhor, o *releitor*, pode utilizar seu conhecimento aprofundado do texto para decifrar as primeiras páginas à luz do desfecho)” (JOUVE, 2002, p. 28).

Essa leitura é muitas vezes negligenciada pelos leitores, particularmente quando estão em contato com obras extensas ou que não lhe foram prazerosas. No entanto, é a releitura que vai trazer outras dimensões da fruição à leitura, é nesse momento que o leitor percebe as sutilezas do livro, suas nuances que o levaram a chegar ao prazer.

3. *Literatura infantil e ensino: experiências*

Essa revisão da literatura sobre práticas de leitura do insólito inicia-se com uma amostra clara de que os contos de fadas, pertencentes aos gêneros que utilizam o insólito, propiciam aos leitores uma leitura rica e participativa. Tatiana C. da Costa e Silva Pereira (2008) fez um estudo em que demonstrou como o insólito pode agir para tornar a leitura mais participativa analisando a importância dos títulos de contos de fadas para esse processo.

Reafirmando a função orientadora e provocativa dos títulos, Pereira (2008) buscou compreender o porquê de os leitores infantis serem atraídos por títulos como “O Mestre Gato ou Gato de Botas”, “As fadas” e “Cinderela ou sapatinho de vidro” e buscou no insólito a resposta. Sua pesquisa de campo utilizou duas turmas de educação infantil (quatro a cinco anos) e duas do primeiro ano do ensino fundamental (crianças de seis, sete e oito anos). A esses leitores foram apresentados os títulos dos contos de Charles Perrault e as crianças foram orientadas a fazer um desenho do personagem que está no título, sem ler o texto completo.

As crianças foram além de simplesmente desenhar um gato com botas, a cinderela com seu sapato de vidro e as fadas, mas inferiram outras qualidades dos personagens que não estavam descritas nos títulos, como: a afirmação de que “o gato era muito esperto por estar usando botas para não machucar os pés” (PEREIRA, 2008, p. 39). Isso já mostra que o limite de interpretação dessas obras, mesmo sendo lido apenas o título é muito vasto.

Essa relação com o texto é descrita por Humberto Eco em seus Seis Passeios pelos Bosques da Ficção (1994, p. 11), quando ele comenta que ao dar a um grupo de crianças um texto tão simples quanto este: “John amava Mary, mas ela não queria casar com ele. Um dia, um dragão roubou Mary do castelo. John montou em seu cavalo e matou o dragão. Mary resolveu casar com ele. Depois disso os dois foram felizes para sempre” (SCHANK, 1982, *apud* ECO, 1994, p. 11).

Utilizando um questionário percebeu-se que as crianças inferiam todo o resto da história que não era contado, por exemplo: ao perguntar às crianças porque John matou o dragão, para as crianças o fato de o Dragão ser “ruim” já era o suficiente e para todas as outras perguntas elas tinham uma resposta baseada em seus conhecimentos de mundo.

Se uma história curta como essa permite que as crianças se envolvam com os personagens a ponto de definir o que é certo e errado, quem é bom quem é ruim, percebe-se que os contos de fadas podem ser uma preparação importante para a leitura participativa, ou fruída. A conclusão que Pereira (2008, p. 41) chega, de que “as crianças parecem passar rapidamente pelo seu significado e vão buscar experiências de vida que possam oferecer” interpretações para os títulos, dá evidências para essa mesma conclusão.

É como se a presença do insólito nas histórias e nos títulos já desse a dica de como que o texto deve ser interpretado, com a imaginação e a memória. Com isso, segundo Pereira (2008, p. 41), prova-se que o insólito “ativa a imaginação e aguça a curiosidade” do leitor. Esses são certamente atributos desejados ao escolher uma literatura para o resgate da fruição.

Jauss (1979, p. 46) formula dois conceitos importantes: o primeiro contato com a experiência estética começa durante a sintonia do leitor com o efeito estético de uma obra, na *compreensão fruidora* e na *fruição compreensiva*. O leitor apenas gostará de uma arte se conseguir entendê-la (fruição compreensiva) e só compreenderá o que aprecia (compreensão fruidora), ambos processos simultâneos, que resgatam, valorizam a experiência estética e produzem um efeito (ZILBERMAN, 1989, p. 53).

Os gêneros do insólito têm qualidades que facilitam a realização desses dois processos e a fruição tem muito mais chance de ocorrer, pois são literaturas de leitura fácil, divertidas, que aguçam a curiosidade e a imaginação.

Em mais um estudo empírico Marileide Alves Rocha Souza (2009) chega a uma conclusão interessante ao fazer perguntas sobre leitura aos alunos do ensino fundamental de uma escola em Senador Cane-do, Goiás: “Quando há indicação do livro pelo professor, a procura na biblioteca é grande, porém, com frequência, aparecem solicitações dos alunos de alguns contos de fadas como Chapeuzinho Vermelho e a Formiga e a Neve” (SOUZA, 2009, p. 52).

No caso citado a cima, a autora conseguiu desenvolver um projeto de leitura com turmas de ensino fundamental que tinham dificuldade com a leitura e, até mesmo, um histórico de pouca alfabetização. Para que o projeto fosse realizável foi escolhida a novela *A Terra dos Meninos Pedalados* de Graciliano Ramos, história que fornece tanto a fantasia quanto certa identificação dos alunos com o autor da obra abordado durante o projeto. Graciliano, como eles, teve dificuldades para se alfabetizar e, mesmo assim, cresceu literariamente para ser um dos escritores mais lidos na literatura brasileira.

Sendo assim, não foi apenas utilizado o fato de a literatura de fantasia ser preferência, como foi trazida à leitura um universo ao qual os alunos podiam se identificar. O resultado, a autora comenta:

1. Alguns professores notaram a mudança de postura, com relação à interpretação e à melhoria na aquisição de conhecimentos formais nos alunos do 9º ano (cinco alunos).
2. Outro fator digno de relato era o prazer e a expectativa desse grupo com relação ao dia da aula de leitura.
3. Em dez alunos foi observado: além do prazer pelas aulas de reforço, a melhoria na autoestima, na fluência da leitura e na interpretação de textos.
4. Dois alunos não conseguiram melhoria na fluência da leitura, mas conseguiram melhoria na interpretação e textos.
5. O aluno que chegou semialfabetizado saiu lendo com certa fluência (SOUZA, 2009, p. 78).

Tendo esse resultado, a autora, que considerou como resultado geral “o estabelecimento da fruição da leitura como prazer” (SOUZA, 2009, p. 79).

4. Conclusões finais

Em princípio o insólito já traz à leitura elementos que desviam do conhecimento de mundo comum do leitor, mesmo que ele já tenha um

conhecimento mínimo do que a história conta, por serem as histórias fantásticas muito conhecidas. Esses elementos, sem esquecer-se das múltiplas interpretações que uma obra pode sofrer durante suas sucessivas recepções (JAUSS, 1967 e 1969) são uma base muito ampla para que as leituras sejam conduzidas na escola.

Essa literatura esclarece aspectos até então não percebidos da realidade ou apenas desconstrói aspectos já consolidados pela racionalização do leitor. Isso é um passo a mais em direção à fruição, considerando que os horizontes de expectativa podem sempre ser confrontados com novas interpretações e leituras. O leitor é facilmente convencido a assinar o tratado ficcional e entra no jogo de criação de sentidos juntamente com o narrador.

É uma literatura altamente criativa, que incorpora situações e racionalizações imprevistas e não correntes, o que acaba se tornando, por si, um elemento de interesse durante a leitura. Ela ainda estimula a prática da releitura, que é facilitada quando se tem um material literário não muito extenso, mas que permite um aprofundamento necessário para o envolvimento do leitor. Essa releitura desenvolve a interpretação, a fluidez de leitura e é mais um passo em direção à fruição.

Os estudos empíricos resenhados aqui (PEREIRA, 2008; SOUZA, 2009) mostram que não há receita mágica para que os alunos adquiram a fruição: mas que nós temos ferramentas teóricas, materiais (literatura de qualidade e que atrai a atenção dos alunos) e, claro, humanas para conseguir mudar a realidade da leitura até mesmo em contextos onde o analfabetismo é um obstáculo.

Parte desse trabalho, é claro, necessita de tempo, planejamento e recursos, como acesso a bibliotecas e a profissionais qualificados para o trabalho com a literatura. Porém, aqui, eu coloco o “era uma vez”, que ainda encanta as crianças, como forte aliado na formação de pequenos leitores que busquem a fruição e não o consumo ou o mero prazer de chegar ao final de uma história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ECO, H. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

GARCIA, F.; SANTOS, R. de M.; BATISTA, A. M. S. *O insólito na narrativa ficcional*: questões de gênero literário – o maravilhoso e o fantástico. Apresentado no III Congresso de Letras da UERJ – São Gonçalo, São Gonçalo/RJ, 2006. Disponível em: <http://www.flaviogarcia.pro.br/textos/doc/o_insolitona_narrativa_ficcional.pdf>. Acesso em: 24-04-2012.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução por Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. (1. ed. Konstanz, 1967).

JAUSS, H. R. *et al. A literatura e o leitor*: Textos de estética da recepção. Tradução por Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOUBE, V. O que é leitura. In: _____. *A leitura*. São Paulo: Unesp, 2002.

PEREIRA, T. C. da C. e S. Uma experiência insólita, o encantamento das crianças através dos títulos dos contos: “O Mestre Gato ou Gato de Botas”, “As fadas” e “Cinderela ou Sapatinho de Vidro”. In: GARCÍA, F.; PINTO, M. de O; MICHELLI, R. (Org.) *Comunicações coordenadas* (Texto Integral) – IV Painel “Reflexões Sobre o Insólito na Narrativa Ficcional”: Tensões Entre o Sólito e o Insólito. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008.

SANTOS, A. L. dos. O insólito e suas fronteiras: Para uma conceituação do insólito como categoria estética. In: GARCIA, F. (Org.). *IV Painel “Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional”*: tensões entre o sólito e o insólito – Caderno de resumos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008. Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/avulsos/insolitocadernos_de_resumos_IV_Painel.pdf>. Acesso em: 25-04-2012.

SOUZA, M. A. R. *A literatura na escola*: Prazer na formação do gosto experiência em leitura com alunos do ensino fundamental. 2009. 94 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.